

# Mulher e subjetividade na sociedade contemporânea: um lugar, muitas interpretações

Nadia Hage Fialho<sup>1</sup>

## Resumo

O presente artigo procura contextualizar alguns aspectos considerados de destaque no debate contemporâneo sobre a problemática existencial da mulher na nossa sociedade. Traz, como termo organizador das reflexões, a noção de subjetividade. Nas suas conclusões indica que, a despeito da larga trajetória de lutas e conquistas, a mulher permanece exposta a discursos que operam, inevitavelmente, sob condições de violência simbólica.

*Palavras-chave:* Mulher; Família; Contemporaneidade; Subjetividade; Feminino; Masculino.

## Abstract

**Woman and Subjectivity in Contemporary Society: one place, many interpretations.**

This article contextualizes some aspects considered relevant in contemporary discussion regarding woman existential problematics in our society. It is centred on the notion of subjectivity. As a conclusion we see that, in spite of the long way on fights and conquests, women remain exposed to speech that inevitably work with symbolic violence.

*Key words:* Woman; Family; Contemporary Society; Subjectivity; Female; Male.

Elas estão por aí: as muitas interpretações sobre a problemática existencial da mulher na sociedade contemporânea anunciam questões de tal densidade que é difícil abordar sem expor o tema a uma compressão excessiva do pensamento. Assumindo, portanto, tal *risco*, pretende-se evitar os recortes restritivos comumente adotados nas abordagens repetitivas e dogmáticas, estimulando a remissão a estudos de maior fôlego e buscando perspectivas que, na atualidade, apostam na construção de novos sentidos.

Nas *marcas* da vida urbana, as tentativas para compreender a contemporaneidade se proliferam enlaçando a mulher como ponto de referência para argumentações várias, muitas vezes sem demonstrar qualquer preocupação quanto à pertinência dos vínculos conceituais que vão sendo amalgamados por

discursos recém-construídos e menos ainda com relação a seus fundamentos antropológicos, históricos ou epistemológicos.

Impacta um cotidiano subtraído dos tempos de reflexão, de auto-reflexão, um cotidiano que sustenta a supressão do contato do sujeito consigo mesmo, a despeito do isolamento ou da solidão, segundo um processo de esgotamento corpormente, o qual passa a ser povoado por milhares de referências que, se soam estranhas ao sujeito, também estão a exigir que ele se coloque inteiramente disponível para aceitá-las, para adotá-las como padrão de conduta, na conformidade dos parâmetros de valores vigentes. Como um bombardeio permanente, essas questões estão na ordem do dia e atingem especialmente a mulher. Elas estão por aí ...

Cresce o desafio. Costa, Barroso e Sarti, citadas por Massi (1992, p. 30), lembram algumas das muitas questões que ainda precisam ser enfrentadas pelos estudos sobre a mulher:

como resolver os inúmeros problemas advindos do fato de que os esquemas explicativos dominantes nas Ciências Sociais não eram satisfatórios para analisar a vivência da mulher na família, no trabalho, na política, no dia-a-dia? Em vez de se forjar novos conceitos e refinar ferramentas utilizadas, passou-se por cima das dificuldades teóricas, negando sua importância [...] outros fatores também contribuem para o pequeno aprofundamento teórico. O primeiro é a dificuldade inerente à tarefa. A assimilação de teorias pré-fabricadas ou o levantamento de dados requerem muito menos criatividade e disciplina do que o artesanato inventivo de idéias originais [...]. Os estudos sobre mulher postulam a necessidade de inter-relação e reivindicam a quebra das barreiras disciplinares como condição essencial de seu aprofundamento.

Nesse contexto, a psiquiatria biológica, as neurociências, a psicofarmacologia, a despeito das grandes descobertas e avanços – inclusive como suporte aos saberes que se originam ou se espalham em outras áreas do conhecimento – não conseguem sobrevoar os territórios da subjetividade. O vigor com que o tema da subjetividade tem sido retomado por tantos estudiosos (COSTA, KEHL, PELBART, PERES, entre outros) parece indicar que são muitas as provocações. Fundar uma nova subjetividade é um desafio tão intenso como desfiar, nas configurações contemporâneas, o emaranhado de sentidos intercruzados pelos clichês que pretendem explicar as problemáticas da mulher na sociedade contemporânea.

Essa tarefa exige o reconhecimento de uma aposta e a consciência dos efeitos que ela pode produzir, pois está em cena um discurso, e isso implica dar-se conta da sua incidência sobre os sujeitos, suas representações, seu devir:

O sonho positivista de uma perfeita inocência epistemológica oculta na verdade que a diferença não é entre a ciência que realiza uma

constituição e aquela que não o faz, mas entre aquela que o faz sem o saber e aquela que, sabendo, se esforça para conhecer e dominar o mundo completamente possível seus atos, inevitáveis, de construção e os efeitos que eles produzem também inevitavelmente (BOURDIEU, 1997, p. 694).

Não há, pois, como deixar de reconhecer a presença de tensão e violência simbólica na constituição de sentidos quando se trata de abordar as dimensões e os lúgares que a mulher tem ocupado na história e, especialmente, quando se trata de referências à sociedade atual. A questão, sob o foco da história recente, encontra seu marco no mito da perfeição ontológica do amor (COSTA, 1999), junto ao qual a figura da mulher tem, seguramente, exercido o papel de depositário de intensas significações, inclusive as que, alimentadas por ela mesma, em nada tem contribuído para a sua emancipação.

Desde a sua “[...] íntima associação com a vida privada burguesa [que] o transformou em um elemento de equilíbrio indispensável entre o desejo de felicidade individual e o compromisso com os ideais coletivos [...]” (p.19) o amor apresenta mudanças. Costa as localiza em muitos dos fenômenos presentes nas problemáticas da vida contemporânea, reconhecendo que

[...] os laços dos indivíduos com o mundo patriarcal se enfraquecem e a sexualidade se emancipa da parceria conjugal [...] e que [...] o amor romântico [encontra-se] ameaçado de perder o que lhe dava vitalidade – os atrativos do sentimento, da privacidade e da formação de identidade [...] Durante séculos, a metáfora amorosa nos ensinou a buscar a felicidade na companhia do outro e a acreditar que esse ideal era imortal. Hoje, trata-se de pensar no que significa ‘outro’, ‘companhia’ ‘felicidade’ e ‘ideal imortal’ [...] (COSTA, 1999, p.218-219).

Enfrentando, assim, a rigidez da cultura acadêmica, Costa se pergunta por que razão não se pode tratar científicamente as condutas amorosas e busca explicitar os fundamentos das versões idealista e realista do chamado amor romântico que, com seus ritos e como norma da conduta emocional, vem comandando as relações no âmbito das famílias e entre homens e mulheres. Questionando, por exemplo, o ideal do amor romântico intocado, conduzido por Badinter<sup>2</sup>, entre diversos outros autores comentados ao longo do seu trabalho<sup>3</sup>, Costa provoca, de modo incisivo, os arranjos conceituais que invadem o mundo contemporâneo – e que são, ainda hoje, acriticamente assumidos – denunciando “... a idéia da naturalidade e universalidade da experiência amorosa [já que] nada tem de evidente por si mesma” (p. 13) e já que “[...] a crença na universalidade do amor romântico é do tipo das crenças opcionais, não das crenças necessárias” (p.15). Assim explicita:

Com a idéia de ‘naturalidade’ ocorre o mesmo deslizamento de conceitos pertencentes a registros lógicos diversos, observado no caso da idéia de universalidade. Ao afirmar que o amor é um sentimento natural queremos dizer que ele não é construído de forma histórico-cultural e, portanto, preexiste e independe da vontade ou de escolhas racionais. Entretanto, a oposição natural /cultural é fruto de uma disputa teórica que não somos obrigados a aceitar. Imaginar que o mundo se divide em domínios ontológicos incomensuráveis, o da natureza e o da cultura, é uma crença opcional. Só quando acreditamos que existe um fosso metafísico intransponível entre as ‘entidades naturais’ e as ‘entidades culturais’ é possível situar o amor no escaninho da natureza e inferir disto sua invariância cultural ou sua obrigatoriedade psicológica e moral (COSTA, 1999, p. 15).

Perspectiva similar encontra-se em Restrepo (1998, p.69):

Quando se fala de crise do casal, desconhece-se que esta forma de organização social sempre esteve em crise. O casal é um invento que ainda não acabou de forjar-se. Se fosse possível responsabilizar alguém pelos descalabros amorosos contemporâneos, teríamos de apontar aqueles que nos lançaram nesse experimento social único na história sem pedir-nos consentimento nem avisar-nos dos perigos que corriamos.

Por essa razão, talvez, tenta incluir a ternura como referente epistemológico da investigação científica, considerando que o tema da “[...] afetividade é uma magnífica porta de entrada para começar uma reflexão sobre os maus-tratos e a intolerância que se propagam, de maneira sutil, no mundo contemporâneo” (p. 18) contexto no qual Restrepo também busca alojar a questão da violência<sup>4</sup>:

Mas a que nos referimos quando falamos de violência? O que têm de comum a violência de rua do facínora, o machismo de nossos campos, as violências sociais, econômicas e políticas, com as diferentes manifestações de violência na intimidade? O fator comum é a ação que tende a impedir a expressão da singularidade. Todas as formas de violência têm em comum sua intolerância diante da diferença e a resistência a permitir seu aparecimento e crescimento (p.64)

Assim, a questão dos desacertos e dos descompassos nas relações amorosas não pode ser remetida à dimensão individual dos sujeitos nem compreendida como esquemas naturais de respostas ou formas eternas de expressão. Precisa ser contextualizada no tempo e no espaço, com sua carga histórica e sua densidade semântica.

A contemporaneidade parece ser um tempo que reflete, provavelmente como nenhum outro, as dificuldades do viver<sup>5</sup>. A tristeza, a melancolia, a depressão, a angústia, o sentimento de impotência do sujeito apequenado diante da pressa, o ritmo acelerado com que a sociedade vivencia a reposição das suas ‘peças’ são algumas dentre muitas situações que expressam, nas mais variadas formas, as *síndromes da modernidade*. Lembrando Riobaldo e Diadorim, na narrativa de Guimarães Rosa, compreendemos, então: *quando a mente não sabe, o corpo advinha*, e descobrimos, talvez, que, para permanecer saudável, é preciso mais do que dormir e sonhar.

Sujeita a um turbilhão de interpretações e preservando a quieta esperança de estar ancorada em alguma coisa, a mulher é falada, na história, a partir de *traços* – enquanto *resíduos, riscos ou marcas* – que persistem nos nossos modos de *olhar e ver* ... e também de *traços* que anunciam, no presente, um futuro a construir – como *roteiros, esboços ou projetos*. Trajetórias que, a largos passos, são resumidas aqui. Primeiro, marcada pela ideologia patriarcal – que atuava tanto como alvo a combater como ideal a assumir – ela é uma história que fala da igualdade dos direitos. Depois, a partir da diferenciação entre gêneros, a história vê caracterizados, na relação homem / mulher, pólos em oposição, condição assumida, muitas vezes, como o único caminho para a afirmação da especificidade do feminino. Lidando com as fronteiras do público e do privado, a mulher adentra territórios masculinos, é capturada pelo empobrecimento discursivo que reduz seu ingresso no mundo do trabalho como exclusiva necessidade da acumulação do capital, confunde-se na diversidade das interpretações que operam, inevitavelmente, como reguladores de conduta e da auto-estima – e que a faz oscilar entre a culpa e a inadequação –, situação que parece atingir alguns limites nessa caminhada até então circunscrita ao campo da construção de um subjetivo feminino. Tal dimensão, entretanto, já renovada, precisa ser reconhecida. A entrada em cena dos estudos sobre a subjetividade produziu, sem dúvida, novos olhares. Olhares capazes de ampliar perspectivas antes abraçadas, quase que unicamente, por estudos de natureza sociológica, antropológica, psicológica ou política, muitos dos quais conduzidos por uma ótica alheia à mulher ou que sequer contavam com a sua participação ou autoria, nem eram fruto dos seus depoimentos.

Da discussão sobre a maternagem e sobre a sua articulação no campo do simbólico – cuja expressão maior tem sido traduzida na associação do pai com a mãe no cuidado da criança do sexo masculino – à recusa para aceitar, como condição natural, o conflito entre trabalho e lar, há a mulher que cansa e luta. Explicita os discursos que não a amparam no reconhecimento das suas trajetórias, identifica e expõe a monotonia dos afazeres domésticos e das exigências conjugais, enfrenta a submissão machista no campo profissional, caminha pelos abismos de um imaginário cultural ora para atender às múltiplas exigências dos seus variados papéis, ora para fugir e esconder-se, frustrada na sua incapacidade de preencher as demandas que lhe no cotidiano da vida moderna e que traz internalizadas, como algo seu.

Apesar de admitida como *sujeito* pelos estudos contemporâneos sobre a vida privada, a mulher ainda permanece no plano secundário quando consideradas as dimensões do social e do público. Entretanto, seu ingresso nos territórios do público e seu modo novo de vivenciar a esfera do privado colidem com os enfoques tradicionais, forçam reflexões a respeito das representações do feminino e do masculino, acentuando a necessidade de compreender a complexidade e o caráter estrutural do lugar e do papel da mulher no mundo contemporâneo. De uma intensidade fenomênica a toda prova, as velhas e novas configurações familiares tanto são abaladas pelos deslocamentos provocados por suas trajetórias como produzem impactos sobre seus próprios movimentos.

Emerge desse cenário, portanto, para mais um desafio da contemporaneidade, não mais *um* movimento que percorre o plano Mulher <-> Família, mas simultâneos e interdependentes movimentos que entrelaçam os diferentes planos Mulher <-> Família <->Mãe <->Pai <-> Homem, nas suas mais variadas combinações. Intercruzada por diversas variáveis, a problemática existencial da mulher na sociedade contemporânea mobiliza a família como um *emergente sistêmico*<sup>6</sup>.

É desse panorama, aqui brevemente referido, que brotam as suspeitas de possibilidades para a construção de novos sentidos. No contexto da sociedade do conhecimento, do mundo da robótica e da informática, a tarefa dos que se propõem à construção de novos sentidos mobiliza a caminhada que, segundo Restrepo, permite “[...] compreender de maneira mais precisa os alcances políticos, cognitivos e epistemológicos de um saber da ternura” (p.16), saber que ele localiza como um discurso: “[...] o discurso é também um agora que pode encher-se de ternura, sendo possível acariciar com a palavra sem que a solidez argumental sofra detimento por fazer-se acompanhar da vitalidade emotiva” (p.17).

O desafio não é menor. Para completar ... “falta o pai. A função paterna está em declínio e vem sendo substituída por injunções de gozo superegóicas do outro anônimo, cujo protótipo é a sociedade de consumo.” (COSTA, 2000, p. 13). O autor fornece referências conceituais relativas ao lastro interpretativo que serve de suporte à proposição da função fraterna e, retomando Sennett, adverte para a ausência de

[...] eficácia normativa para a vida emocional dos indivíduos [...] pois [...] continuamos [...] a dizer que trabalhamos para o bem da família e do futuro dos filhos, mas nem o trabalho é, como antes, fonte de segurança e apreço moral, nem a família da qual falamos tem possibilidades de reeditar a estabilidade da família a qual nos referimos. Os ideais familiares são ideais nos quais acreditamos – se tanto! – pela metade, pois aderimos a modelos de identidade, de gênero, sexo ou geração, cujo bom desempenho se opõe, quase ponto por ponto, aos ideais da família tradicional (p.14-15).

A função fraterna mobiliza uma forte revisão dos referentes na constituição do sujeito, ou seja, a discussão contemporânea recoloca, em uma outra dimensão, agora possibilitada pela inclusão da idéia de *fratiria*, a questão da mãe, da família, da mulher. A constatação do declínio da imagem do pai explicita outros aspectos:

Quando analisamos a queda de valores observada nesse final de século com excessivas transformações nas relações familiares, de trabalho, homem-mulher etc., etc., nos interrogamos se em lugar de uma decadência, não estamos também vivendo o surgimento de uma nova ética, de novos valores. Será que, junto à constatação da queda do pai, não estamos no limiar do surgimento de uma nova figura paterna? Acaso não podemos nos referir também a uma nova mulher? [...] As grandes transformações nas relações homem-mulher, ou, melhor dito, nos casamentos, assim como as conquistas da biotecnologia que modificam a procriação não podem acontecer sem grandes repercussões no papel que ocupam homens e mulheres (PERES, 2001, p.6).

Expondo as *marcas* e os *projetos* dos muitos modos de *olhar* e *ver* a mulher, a subjetividade contemporânea, como *lugar* de tensão e de construção de novos sentidos, vem expressando contornos e complexidades com relação ao que, para Bettis (2000), poderia ser traduzido assim: “o que a modernidade [...] muda para a mulher são as oportunidades ampliadas de realização desejante da ficção do si mesmo femininas” (p. 110) .

Tantas, as interpretações estão por aí.... Assim é que, ainda sem encontrar abrigo nas intempéries contemporâneas, a mulher continua capturada nas teias dos discursos e das fortes disjunções que eles produzem, como um esgarçar de tecidos. Agora se vê no discurso que a culpa pela ausência no dia-a-dia da família, conforme pesquisa recentemente divulgada no jornal A TARDE (2002), reforçando informações relativas à sobrecarga de trabalho e aos danos decorrentes desse afastamento: “Analizando um dia comum da mulher urbana, a pesquisa chegou à constatação de que ela desenvolve, em algumas poucas horas, mais de 50 tarefas. São atividades diversas, realizadas muitas vezes concomitantemente”. E prossegue:

[...] a estafa ocasionada pelo excesso de atividades, a falta de oportunidades para compartilhar, bem como a escassez de tempo e **ausência da figura masculina**, promovem a cada dia a deterioração das relações humanas, o afastamento dos membros da família e o individualismo (grifos nossos).

A transcrição acima, referente a trecho da recente reportagem cujo título, em manchete de destaque, é **Ausência da mulher desagrega família**, permite inúmeras indagações e demonstra como a mídia ainda incorpora e difunde os desvios

de um tipo de interpretação que já se sabe extremamente nocivo às famílias, às mulheres, aos homens, às filhas e aos filhos que tentam superar danos históricos e construir novas subjetividades. Arrancada da história, a problemática contemporânea da mulher é implantada num destaque que agride a questão e recoloca a mulher no terreno da pura perda:

[...] as mulheres que atingiram os mais altos cargos [...] têm que 'pagar' [...] por este sucesso profissional com um menor 'sucesso' na ordem doméstica (divórcio, casamento tardio, celibato, dificuldades ou fracassos com os filhos etc.) e na economia dos bens simbólicos (BOURDIEU, 1999, p.126).

A incisura jornalística não somente encobre todas as variáveis apontadas na pesquisa como guarda a *ausência da figura masculina*, não guardada à condição de título, não discutida em relação à mulher, sequer pensada com relação ao próprio homem. Dessa forma, o título da matéria instala, como um *registro*, uma sensação que, de modo tão absurdo quanto impossível, insiste em desconhecer a articulação ausência <-> presença, a qualidade de uma ou de outra, o sentido que se pretende atribuir ao termo *figura masculina*, a natureza do vínculo que tal figura supõe manter com a mulher.

Constituída no deslizamento desses referentes, a problemática da mulher na sociedade contemporânea continua a atualizar formas muito antigas de fragmentos discursivos que acusam a mulher da impossibilidade de realizar uma função sem perguntar sequer se ela realizava-se na função, seja esta tomada desde a perspectiva de quaisquer dos seus entrelaçados vínculos Mulher <-> Família <-> Mão <-> Pai <-> Homem. Por isso cabe perguntar se existe, mesmo diante de um paradigma que se pensa estar em vias de superação, alguma espécie de *risco* de retomada do modelo anterior de subordinação e renúncia, que 'serviu' de 'referência' para a mulher.

Vale, pois, retomar o caminho que nos deixou Pierre Bourdieu ao escrever o *Prefácio* de uma das suas obras (1999):

Lembrar que aquilo que, na história, aparece como eterno não é mais que o produto de um trabalho de eternização que compete a instituições interligadas tais como a família, a igreja, a escola, e também, em uma outra ordem, o esporte e o jornalismo [...] reinserir na história e, portanto, devolver à ação histórica, a relação entre os sexos que a visão naturalista e essencialista dela arranca (e não, como quiseram me fazer dizer, tentar parar a história e retirar às mulheres seu papel de agentes históricos).

A perspectiva de retorno não é, pois, solução. No panorama atual, é preciso ampliar a discussão, até porque também as políticas públicas não lograram, até

então, distribuir a carga das jornadas de trabalho que não é só a de trabalho, mas também a de cuidar das repercussões psicológicas e emocionais que a mesma pode ter sobre ela, inclusive em decorrência de uma maior conciliação entre trabalho e vida pessoal, o que o convívio saudável pode promover no trabalho das relações familiares, das relações amorosas e das relações consigo próprio, e que, todo projeto social deve levar a cabo. Permanece, pois, em aberto, a discussão sobre os velhos paradigmas da sociedade machista e patriarcal, os quais dificultam a fé nas mulheres a realização das mulheres que lutam pela sua superação. E as implicações, enfim, elas estão por aí!.

## NOTAS

<sup>1</sup> Doutora em Educação, professora titular da UNEB, consultora da UCSal.

<sup>2</sup> Nessa temática, a análise de Jurandir Freire Costa incide sobre a obra de Elisabeth Badinter intitulada *L'un est l'autre – des relations entre hommes et femmes*. 1986

<sup>3</sup> Entre as muitas referências que dão suporte às reflexões do autor, estão: Arendt, Balint, Foucault, Freud, Kristeva, Marcuse, Octavio Paz, Rousseau, Santo Agostinho, Tomás de Aquino etc.

<sup>4</sup> Para maior aprofundamento dos estudos sobre a violência e da sua relação com a dimensão do masculino e do feminino, sugerimos os trabalhos de Sócrates Nolasco: *O mito da masculinidade. A desconstrução do masculino e De Tarzan a Homer Simpson*, editados por Rocco.

<sup>5</sup> Situação que pode ser ilustrada pela expansão da literatura nas temáticas contemporâneas, a exemplo de André Comte-Sponville em *Bom dia, Angústia!*, publicado por Martins Fontes, e Julia Kristeva em *As novas doenças da alma*, da Rocco.

<sup>6</sup> Estudos realizados pela UCSal, através dos Cursos de Especialização e Formação em Terapia Familiar fornecem linhas para um maior aprofundamento da temática da família, inclusive com relação a abordagens centradas no enfoque sistêmico.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Ausência da mulher desagrega família. **A Tarde**. Salvador, 18 maio 2002. Domingo Local. 1º Caderno - Complemento, p. 1 (Reportagem de Nilton Nascimento).

BETTS, Jaime Alberto. Labirintos do êxito feminino. In: ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA DE PORTO SEGURO-APPO. **O valor simbólico do trabalho e o sujeito contemporâneo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000. 299 p. (p. 101-110).

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil 1999. 157 p.

- BOURDIEU. **A miséria do mundo.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. 747 p.
- COSTA, Jurandir Freire. **Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico** 3 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. 221 p.
- KEHL, Maria Rita (Org.). **Função fraterna.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000. 244 p.
- MASSI, Marian. **Vida de mulheres: cotidiano e imaginário.** Rio de Janeiro: Imago, 1992. 226 p.
- PELBART, Peter Pál. **A vertigem por um fio: políticas da subjetividade contemporânea.** São Paulo: Iluminuras, 2000. 222 p.
- PERES, Urânia Tourinho. O declínio da imagem do pai. **A TARDE.** Salvador, 8 set. 2001. Sociedade & Família. Caderno Cultural, p. 6-8.
- RESTREPO, Luis Carlos. **O direito à ternura.** Petrópolis: Vozes, 1998. 110 p.